

FREIDA McFADDEN

A INQUILINA

Tradução de
Carla Ribeiro

*Para a minha primeira colega de quarto, que programava
o seu despertador para as três da manhã para acordar e estudar
e, depois, o punha em repetição.*

Duas vezes.

Estás perdoada.

PRIMEIRA PARTE

BLAKE

Há seis meses, alguém se postou neste exato lugar – no vigésimo quinto andar do arranha-céus que alberga a Coble & Roy, a empresa de *marketing* de Manhattan para a qual trabalho – e tentou saltar.

Infelizmente (ou felizmente) para ele, a janela só se abre o suficiente para permitir uma brecha de uns oito centímetros, o que não chega para um adulto passar. Tentou puxá-la o suficiente para enfiar o seu corpo no espaço, mas não resultou. Os seguranças detiveram-no antes que caísse para a morte de uma altura de vinte e cinco andares, e, agora, está num retiro qualquer no norte de Nova Iorque, a apanhar margaridas, a cantar canções, a receber terapia de choque ou seja qual for a treta que se faz nesses lugares.

E eu fiquei-lhe com o emprego.

Queria esse emprego; queria-o desde que comecei a trabalhar aqui. É um ótimo cargo. Andavam todos a competir por ele desde que o Quigley tentou dar esse mergulho. E agora é meu.

E o meu novo gabinete? É fenomenal. A cadeira de escritório de cabedal ajusta-se perfeitamente à forma da minha coluna e custou mais do que o meu primeiro carro. O sofá de cabedal castanho combina com a estante de castanho peruano, que, por sua vez, é da mesma cor que a secretária ao centro da sala,

como se alguém as tivesse feito a partir de madeira recolhida da mesma árvore.

Mas a melhor parte é a placa em cima da secretária, que diz em letras douradas:

Blake Porter, Vice-Presidente

Olho pela janela para a vista do horizonte da cidade de Nova Iorque, pontilhada pelos seus lendários arranha-céus. Quando era pequeno, em Cleveland, queria, acima de tudo, ver o Empire State Building, e agora posso olhar para ele todos os dias. Baixo então o olhar para a rua, onde, vinte e cinco andares abaixo, as pessoas circulam como formigas e os veículos parecem os carrinhos de brincar que a minha mãe me costumava comprar nas vendas de garagem do bairro.

Que tipo de palerma tenta saltar da janela quando tem um gabinete destes? Que idiota.

Não consegui lidar com a pressão. Eu consigo.

O meu telemóvel vibra onde o deixei, em cima da minha secretária. Viro a cabeça para ver o nome a piscar no ecrã, «Krista Marshall», e pego-lhe. Há chamadas que evito e chamadas que aceito, mas atendo *sempre* quando é a Krista quem está do outro lado da linha.

– Olá, querida – digo.

– Olá, senhor vice-presidente – responde-me, com um risinho.

Caramba, não me vou cansar de ouvir isso pelo menos até à próxima semana.

– Então, como te estás a aguentar? – pergunta.

Olho para as pilhas de papelada na minha secretária, que só têm rival nas centenas de *e-mails* à espera na minha caixa de entrada. Se fizer uma pausa para ir à casa de banho, tenho vinte mensagens a aguardar-me ao regressar. E eu mijo depressa.

Mas sabem que mais? Não faz mal. Consegui a promoção a vice-presidente do *marketing* porque podia lidar com isso. Porque *mereci*. Têm uma semana de trabalho que preciso de despachar numa hora? Boa. Venha ela.

– Estou bem – respondo.

– Vens para casa nas próximas horas? – pergunta-me a Krista.

– Queres que vá buscar comida chinesa?

São quase seis horas, e não, não estou nem perto de ter terminado, contudo, por outro lado, desde há um mês que todas as noites chego a casa à hora de deitar, para comer uma barra proteica ou comida para fora já fria. Fecho os olhos e imagino a minha noiva, à minha espera na sala de estar da nossa casa de arenito no Upper West Side: o seu cabelo louro-arruivado apanhado naquele puxo desgrenhado *sexy*, que faz sempre no alto da cabeça, as suas *leggings* pretas perfeitamente ajustadas à sua cintura.

Há dois meses que fiz o pedido, com um diamante que esperava que a fosse deixar de cabeça à roda, e mal tive um minuto para recuperar o fôlego desde então. Não fizemos a festa de noivado que ela queria; não tivemos sequer um *jantar* de noivado. Merece muito mais do que isto.

– Nada de comida para fora esta noite – concluo. – Vou sair mais cedo.

– A sério?

O facto de parecer tão surpreendida aperta-me o coração.

– Sim, e vou levar-te a jantar fora.

– Blake – diz-me, baixinho. – Não tens de fazer isso. Se precisas de trabalhar, eu compreendo...

– Tu és mais importante. – A minha voz é firme, a voz a que ninguém diz não. – Vamos jantar fora e vai ser num sítio mesmo bom, por isso guarda o teu apetite. Estarei em casa por volta das 19h30.

Parece tão feliz. E todo este trabalho continuará aqui amanhã. Além disso, tenho um portátil que posso abrir depois da minha noiva adormecer.

Estou a adorar a vida doméstica com a Krista. Quando tinha vinte e cinco anos, a ideia de viver com uma mulher teria sido impensável, mas tem sido ótimo. Tem corrido tão bem que até decidimos arranjar um animal de estimação, com o acordo tácito de que seria um ensaio geral para quando tivermos um

filho juntos. Pensámos em arranjar um gato ou um cão, mas não podíamos lidar com tanta responsabilidade, como tal, acabámos com um peixinho dourado. Chama-se *Goldy*. Sim, eu sei que os peixinhos dourados não são particularmente fofos, mas já estou apegado.

No entanto, tenho de aprender a conciliar a minha vida profissional e familiar. Precisava desta promoção para nos dar a vida que queremos – a vida que a Krista *merece*, que espero que seja melhor do que a que a minha mãe tinha. Precisava dela para pagar a casa, porque o empréstimo estava a comer o meu salário inteiro.

Vim do nada e odiava-o. O meu pai tinha uma pequena loja de ferragens e estava sempre em dificuldades para a manter à tona, por isso tomei medidas para garantir que a *minha* vida será diferente. Nunca quero ter de me preocupar com que me cortem a luz.

Enfio o telemóvel no bolso das minhas calças, impecavelmente feitas à medida. Vou atar algumas pontas soltas aqui e depois vou para casa. Antes de me virar de novo para a minha secretária, porém, lanço um último olhar à janela fixa. Vejo vagamente o meu reflexo no vidro – sou relativamente alto, a roçar o metro e oitenta, com um cabelo castanho, que uso sempre muito curto porque tem uma tendência irritante para encaracolar, uma ligeira covinha no queixo e uns olhos castanho-escuros, que são um pouco juntos de mais, mas que já ouvi descrever como «intensos», o que tomo como um elogio.

– Blake?

Desvio o olhar da janela. A secretária do meu chefe, a Stacie, está junto à porta aberta do meu gabinete, de punho erguido para bater na ombreira a fim de me chamar a atenção. E tem-na. Com aquela saia – sim, com um caraças, tem a minha atenção.

– Olá – cumprimento. – O que se passa, Stacie?

– O Wayne quer falar contigo.

Olho outra vez para o relógio. É tarde para uma reunião.

– Agora?

– «Imediatamente», disse ele.

Não me olha nos olhos como costuma fazer; olha para o tapete oriental no chão como se fosse a coisa mais interessante que alguma vez viu. E eu penso para comigo: *Isso é estranho*.

– Está bem – respondo. – Vou já para lá.

Enquanto viro costas à janela e sigo a Stacie para fora do gabinete, nem me passa pela cabeça que, nos próximos cinco minutos, toda a minha vida vai desabar.

2

Wayne Vincent é o meu chefe desde há uma década, desde que terminei o meu curso na Universidade de Nova Iorque.

Foi ele quem me contratou. Tudo o que sei sobre *marketing*, devo-o ao Wayne. Ensinou-me a desenvolver uma campanha, ensinou-me a organizar um orçamento, ensinou-me a analisar a concorrência e o mercado. Desde que o conheço, passou por duas mulheres, ganhou e perdeu cerca de dezoito quilos e, juntos, consumimos o equivalente a uma batelada de álcool.

E, neste momento, parece *furioso*.

Está sentado à sua secretária de mogno – cerca de 50% maior do que a minha – e lança-me um olhar carrancudo ao ver-me entrar na sala. Quando hesito à porta, aponta um único dedo à cadeira diante da sua secretária.

– *Senta-te* – ordena.

Não sei o que se passa. Há uma semana que tenho este emprego e estou a fazê-lo bem. Não, estou a fazê-lo *lindamente*. Pelo que o que quer que isto seja é uma treta. Sinto-me a ficar preventivamente de cabelos em pé.

Mas, ainda que esteja errado, continua a ser o meu chefe, por isso sentei-me na almofada da cadeira à sua frente.

– Está tudo bem, Wayne?

Ele cruza os braços carnudos sobre o peito amplo, apenas parcialmente disfarçado pelo fato caro que veste.

– Diz-me tu, Porter.

Tratou-me pelo apelido. Nunca me trata pelo apelido.

– Estou bem encaminhado na campanha Clemente – esclareço.
– Terei uma maquete na sexta-feira. Quinta, se precisar. – Posso acabá-la um dia mais cedo. Quem precisa de dormir?

Mas então o Wayne diz algo que me choca:

– Partilhaste a campanha Henderson.

– Eu... O quê?

O seu couro cabeludo cora sob a linha recuada do seu cabelo.

– Mostraste a nossa campanha aos nossos concorrentes. *Tudo*.
Deixaste que a roubassem, seu sacana desonesto.

O quê? Fico de boca aberta.

– Não sei do que está a falar.

– Sei que foste tu, Blake. – Estala o maxilar. – Só quero saber quem foi o contacto e quanto te pagaram.

– Wayne...

– *Quanto*, Porter?

– Wayne. – Um mal-entendido. É só disso que se trata.
Pigarreio. – Juro-lhe que eu jamais...

– Treta. – Um salpico de cuspo atinge-me no rosto com o enunciar desta palavra. – Estás despedido, Porter. Arruma o teu gabinete e sai.

O quê?

– Wayne! – Salto da cadeira, o meu coração a palpitar-me no peito. – Não pode acreditar que eu seria capaz de fazer algo assim à empresa. A si. Não sei porque acha que eu seria...

– Disse para *saires*.

Consigno perceber pela expressão de desprezo no seu rosto que isto não é algum tipo de partida elaborada. Ninguém vai saltar do armário com um bolo surpresa para me felicitar pela minha promoção. Está a falar a sério: quer-me fora. Depois de uma década de serviço leal, estou *despedido*. De uma forma assim tão simples.

Brotam-me suores frios nas axilas.

– Podemos discutir isto, por favor?

– Sai. – Ergue o auscultador da sua secretária, marcando números no teclado com a outra mão. – Vou chamar os serviços de segurança para te escoltarem até fora do prédio.

Isto está mesmo a acontecer. Perdi não só a minha promoção, mas também o meu *emprego*. Que diabos se passa? Tem de ser algum tipo de mal-entendido.

– Está bem. – Ergo as mãos. – Eu vou, mas... talvez possamos discutir isto mais tarde.

A expressão no rosto do Wayne indica que nunca mais vamos debater isto.

– Limita-te a sair. E, depois do que fizeste, podes esquecer a indemnização. Nem penses em pedir o subsídio de desemprego. Processo-te por roubo, seu filho da mãe.

Só consigo abanar a cabeça, incapaz de invocar palavras para responder àquilo.

Apesar de serem seis da tarde, ainda está praticamente toda a gente no escritório, e todos acabam de ouvir cada palavra do que aconteceu. Passo pela secretária da Stacie ao sair e, mais uma vez, ela recusa-se a olhar para mim.

– Stacie – chamo.

– Desculpa, Blake – murmura, sem erguer o olhar do ecrã do computador. – Não há nada que eu possa fazer.

Muito bem, é assim que vai ser, então. Bem, para o diabo com todos eles. Vou arranjar um emprego dez vezes melhor do que este.

Faço o passeio da vergonha de volta ao meu gabinete enquanto os meus colegas cochicham sobre mim a três metros de distância. O mais satisfeito de todos será o Chad Pickering – pensava que a promoção a vice-presidente era dele antes de eu lha arrebatá-lo. Mas não será o único a celebrar.

O que posso dizer? Se queremos ter sucesso, temos de fazer alguns inimigos.

Quando regresso ao gabinete, ao *meu* gabinete, dou-me conta de que há muito pouco que poderei levar comigo: a foto emoldurada

da Krista, a caneta que o meu avô me comprou como presente de formatura – estava tão orgulhoso por eu ser o primeiro na nossa família a terminar a universidade. E de certeza que posso levar a placa que diz «Blake Porter, Vice-Presidente». Ninguém aqui tem utilidade para ela.

Por impulso, ergo a placa da secretária e atiro-a à parede com tanta força que faz uma moosa na tinta. A placa cai ao chão, partida ao meio. O escritório calou-se por completo para assistir ao meu pequeno espetáculo. Tudo bem – deixai-los ver. Ao menos, não parti a mão a esmurrar a parede, como aquele imbecil do Craig Silverton depois de perder a conta Roberts.

Dirijo-me à janela para um último olhar. Encosto a testa ao vidro frio, já sem querer saber das manchas.

E, pela primeira vez, compreendo o meu antecessor. Porque não me importaria se este vidro se partisse e me precipitasse numa queda de cem metros para a morte.

3

Há sessenta e dois dias que estou desempregado. Não que os esteja a contar. Vou agora a caminho da casa de arenito depois de duas horas a correr, seguidas de uma hora a levantar pesos. Restam-me dois meses de inscrição no ginásio e estou a tirar o máximo partido deles. A Krista deu a entender que é pouco saudável passar tantas horas por dia a fazer exercício, mas como pode ser isso verdade? É *exercício*. É saudável por definição.

Além disso, tenho de manter a energia para quando arranjar outro emprego.

Quando entro em casa, estou encharcado em suor – tenho a *T-shirt* colada à pele. Agosto é a pior altura para correr em Nova Iorque, devido à humidade sufocante, mas eu vou na mesma. Gosto de ver até onde me posso levar. O que é que é o pior que pode acontecer? Cair morto?

Não nos podemos realmente dar ao luxo de ligar o ar condicionado, mas alegro-me por estar a funcionar enquanto recupero o fôlego na sala de estar. O cheiro a canela atinge-me as narinas e o meu estômago ronca. Tudo o que comi hoje foi um pequeno-almoço energético (três ovos cozidos inteiros) e estou esfomeado.

Dirijo-me à cozinha, onde a Krista está a tirar um tabuleiro de bolachas do forno. Lança-me um olhar por cima do ombro e sorri.

– Biscoitos de canela? – pergunto.

Ela assente, enquanto pouisa o tabuleiro na bancada da cozinha, junto ao relógio de metal antigo que comprámos numa feira da ladra no verão passado. Os biscoitos de canela são a sua especialidade – a sua bolacha típica. É isso que faz quando está feliz, aborrecida ou particularmente *stressada*: faz doces.

Deixem-me falar-vos um pouco sobre os biscoitos de canela da Krista: quando os pomos na boca, as orlas são crocantes, mas o centro é mole, e derretem instantaneamente, espalhando uma combinação perfeita de canela, açúcar e manteiga. Fê-los para mim no nosso primeiro encontro e essas bolachas foram parte do que me fez apaixonar por ela. Soube que havia algo de muito especial numa mulher capaz de cozinhar algo que sabia tão bem.

Aprendeu a fazer bolachas com a mãe, que conheci uma vez, quando veio do Idaho, e é exatamente o tipo de mulher de quem esperaríamos que fizesse excelentes biscoitos. Quando pedi a Krista em casamento, imaginei-a a fazer bolachas para os nossos filhos um dia, como a mãe lhe fazia.

É essa a vida que eu quero. Com ela.

Estendo a mão para um biscoito, mas a minha noiva dá-me uma palmada.

– Estão a escaldar do forno! – repreende. – Vai tomar duche e, quando acabares, estarão frios.

Detesta quando estou suado por ter estado a correr, o que é justo.

– Está bem.

Subo e dispo a minha *T-shirt* e os meus calções de desporto. Viro a torneira do duche para a água fria e entro na torrente. Ouvi dizer que os banhos gelados são para psicopatas, mas estou viciado – desde a universidade que os tomo. É uma dose adicional de adrenalina depois de descer da euforia do meu treino.

Uma vez lavado e vestido, volto para baixo, o roncar do meu estômago mais insistente desta vez. Ao descer, passo pela *Goldy*,

que nada alegremente no seu aquário. Deito-lhe alguns grânulos, apesar de a Krista dizer que a ando a sobrealimentar. Odeio a ideia de passar fome.

A minha noiva sai da cozinha com um prato de biscoitos de canela. Leva-os para o sofá e eu sigo-a como um cão sôfrego. Pousa o prato na nossa mesa de café em vidro e senta-se no sofá, enfiando uma perna por baixo do corpo, como sempre faz. Eu sento-me ao seu lado e tiro um biscoito.

Está incrível, como sempre.

– Alguma sorte em matéria de empregos? – pergunta-me.

Foi estúpido pensar que ia conseguir logo outro emprego em *marketing*. Depois de o Wayne ter falado mal de mim por toda a cidade, podem imaginar que ninguém estava propriamente mortinho por me contratar para um cargo seletivo. Tinha um enorme excesso de qualificações para o último emprego a que me candidatei e pagava um quarto do meu salário pré-promoção. Nem uma resposta recebi.

– Ainda não – respondo, tentando não soar tão desalentado como me sinto.

A Krista nota a quebra na minha voz e inclina-se para me abraçar.

– Está bem assim? – sussurra-me ao ouvido.

– Nível oito – digo.

Ela aperta-me mais. É uma pequena convenção que desenvolvemos. Nos nossos primeiros tempos de namoro, a Krista teve um dia mau no trabalho e, quando nos encontrámos nessa noite e me falou do seu dia terrível, inclinei-me para a abraçar. Quando se queixou de que não o estava a fazer com força suficiente, criámos uma escala de dez pontos, para determinar quão apertado era o abraço de que precisávamos em função de quão mal nos sentíamos nesse exato momento. Eu sei – somos tão queridos que dá vontade de vomitar.

Mantemo-nos no abraço, que é de nível oito ou nove, durante um bom minuto. É tão boa a saber exatamente como atingir o número de que preciso.

Mas, claro, o abraço tem de terminar. Quando se afasta, tem uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas.

– Tens dinheiro que chegue na tua conta à ordem para a próxima prestação do empréstimo, então? – pergunta, delicadamente.

Tenho. À justa. Mas a partir daí estou lixado. Não vou conseguir pagar o empréstimo e vou perder a casa. E, apesar de estar em meu nome e não do da Krista, também ela vai ficar desalojada. Tento não pensar nisso.

– No limite – admito.

– Eu podia contribuir mais – diz-me, apesar de eu saber que não tem muito.

A Krista gere uma lavandaria a alguns quarteirões de distância. Foi assim que nos conhecemos. Levei lá um fato e, ao vê-la atrás do balcão, dei-me subitamente conta de que não andava a mandar limpar os meus fatos vezes suficientes. Comecei a ir lá duas ou três vezes por semana, gastando uma pequena fortuna só para poder falar com ela por alguns minutos, enquanto ia deixar e recolher a minha roupa.

Não tomei imediatamente a iniciativa, porque tinha namorada. Na altura, andava com uma rapariga chamada Gwen, mas não estava a correr muito bem e só tinha tendência a piorar. Assim, no dia seguinte a acabar tudo com ela, fui direto à lavandaria e convidei a Krista para jantar.

– Vou arranjar alguma coisa – prometo.

A minha noiva arqueia uma das suas sobrancelhas castanho-claras.

– Vais?

Franzo-lhe o sobrolho.

– Não vou ficar desempregado para sempre, Krista. Algo há de aparecer.

Acabarei por encontrar algo – tenho de encontrar –, mas não vai pagar o que o meu último emprego pagava, ou sequer uma fração disso. Vou ter de ampliar a minha rede.

Raios me partam, ainda não consigo acreditar. Há sessenta e dois dias, tinha tudo. Como desabou tudo tão facilmente?

Liguei ao Wayne uma dúzia de vezes, mas não me ligou de volta. Acho que os meus *e-mails* vão parar à sua pasta de *spam*.

– Vou sugerir-te uma coisa – começa a Krista, mudando de posição – e não quero que digas logo que não.

Oh, boa. Que ideia incrível terá inventado? Quererá que venda um rim? Quanto se consegue por um rim no mercado atual?

– Está bem...

– Acho que devíamos arranjar um inquilino até recuperares. Olho para ela. Está a falar a sério?

– Não. Nem pensar. Não vou viver com um desconhecido.

– Porque não?

A ideia de doar um rim soa-me cada vez melhor, ainda que possa não conseguir muito dinheiro por ele devido à quantidade de álcool que ingeri durante a última década, sensivelmente.

– Porque não sou um estudante universitário de vinte anos?

A Krista franze o nariz.

– Eu tinha uma colega de casa antes de vir viver contigo, sabes?

– E *odiava-la!*

A antiga colega de casa da Krista era diretora de uma creche durante o dia e cantora amadora à noite. Durante as minhas visitas ao seu dolorosamente pequeno T2, perto do Inwood Hill Park, a sua colega de casa desatava a cantar enquanto tomava duche, cozinhava e, às vezes, a meio de uma frase.

– Procuramos alguém mais normal, então – insiste.

– Em Manhattan? – resmungo. – Ninguém é normal aqui. Não vais encontrar ninguém normal.

Ela ri-se e pega-me na mão, que só está em parte coberta de migalhas de biscoitos de canela.

– Encontrei-te a *ti* – salienta.

Sem comentários.

Chega-se mais junto a mim no sofá, deitando a cabeça no meu ombro. Sacudo o resto das migalhas de biscoito da minha *T-shirt* e passo-lhe um braço pelos ombros para a puxar para mim. O que põe ela no cabelo que o deixa tão suave? Deve haver algum

ingrediente secreto naquele champô de rapariga que usa, porque é simplesmente incrível.

– Não sei o que fazer, Blake – murmura para o meu pescoço. – Sei que vais acabar por encontrar algo, mas... estou preocupada.

Tu e eu, querida.

– Talvez... – Estende a mão esquerda, onde o diamante do seu anel de noivado brilha às luzes do teto. – Talvez devesse vender o anel. Isso ganhar-nos-á algum tempo.

Inspiro fundo. Não. *Não* quero que ela o venda. Quer dizer, sim, dar-nos-ia mais dois meses de espaço para respirar, mas não quero saber. O meu pai, com a sua precária loja de ferragens, herdada do meu avô, deu à minha mãe um anel de noivado com um diamante falso que, *mesmo assim*, era embaraçosamente minúsculo. Fiquei tão orgulhoso de poder dar à Krista não só um diamante verdadeiro, mas um de que todas as suas amigas podiam ter inveja. Se a fizesse vender esse anel para nos manter à tona...

Não. Não permitirei que o faça.

Jurei que ia cuidar sempre da Krista, na saúde e na doença. Não, esperem, isso é o que eu *vou* jurar quando casarmos. E, se não encontrar uma saída desta situação, isso nunca vai acontecer. Ela não vai casar comigo se nos tornar aos dois sem-abrigo.

– Tudo bem – assinto. – Vamos arranjar um inquilino.